



UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA  
UNOESC - CAMPUS CHAPECÓ  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA  
SÉRIE INTERDISCIPLINAR No. 16

**TERRAÇOS DO TEMPO**  
**MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE KAINGANG E**  
**COLONOS NA LUTA PELA TERRA**

**WILSON ANTÔNIO CABRAL JÚNIOR**

**SETOR DE EDITORAÇÃO**  
**Chapecó, dezembro de 1993.**

"TERRAÇOS DO TEMPO: MEMÓRIA E IDENTIDADE ENTRE KAINGANG E COLONOS  
NA LUTA PELA TERRA"

*Para Liliane*

"... Como trágica letania se repite a si mesma a memória boba. A memória viva, em cambio, nasce cada dia, porque ella es desde lo que fue y contra lo que fue.

*Aufheben* era el verbo que Hegel prefería, entre todos los verbos de la lengua alemana. *Aufheben* significa, a la vez, conservar y anular; y así rinde homenaje a la história humana, que moriendo nace y rompiendo crea".

Eduardo Galeano

Este ensaio, procura pensar a relação entre memória e diferença/identidade (1) numa situação de conflito de terras, que envolve de um lado índios Kaingang em luta pela recuperação de suas terras tradicionais e de outro colonos - em sua maioria alemães e descendentes - que se encontram localizados nestas.

A área em questão, denominada Toldo Pinhal, se localiza entre os rios Irani e Ariranha, no distrito de Nova Teutônia, município de Seara, estado de Santa Catarina.

Embora a área seja de ocupação tradicional Kaingang (cf. METRAUX, 1946, vol. 1, parte 3:445/75), a documentação disponível

---

(1) Entendo que a diferença não é derivada da identidade. Pelo contrário, é a diferença que torna a identidade possível. Deste modo, a diferença impossibilita a construção de uma "identidade pura", completa e autoreferencial, isenta de uma relação diferencial, onde a necessidade de referência a um "outro" rompe com qualquer determinação e saturação da identidade. As diferenças, seriam traços diferenciais re-interpretados e historicamente situados (e contestados).

registra a presença dos Kaingang no Irani a partir de 1896.

De acordo com a tradição oral dos Kaingang do Toldo Chimbangue (2), os grupos ali localizados são provenientes do Rio Grande do Sul, mais precisamente de Votouro e Nonoai. Sua vinda para esta região, deve-se a fuga do processo - violento e intenso - da colonização de suas áreas de origem. Outros fatores decorrentes deste processo, como a imposição de aldeamentos em áreas determinadas pelo governo do Rio Grande do Sul e a cooptação e manipulação do faccionalismo Kaingang por parte do Estado para o submetimento dos que resistiam ao aldeamento explicam sua fuga e estabelecimento na região do Irani, à época inexplorada.

Este grupo se localizou primeiro no "... 'chato', isto é, no divisor de águas entre o Irani e o Lageado Lambedor ..." (D'ANGELIS, 1984:42), à mesma época - 1856 em diante - algumas famílias Kaingang foram localizar-se no divisor de águas à leste do Irani, de cujo mais alto chato "... dava prá vê os campos de Nonoais ...". Lá seguiam até o rio Ariranha - a leste - e a norte até o Lageado Rosário, onde à época o cacique do grupo era Gregório Rodrigues Mréym.

A partir de seu estabelecimento na área, diferentes frentes de exploração e colonização atingem a região. Porém, a

---

(2) Durante cerca de quatro anos (1980 a 1985), os Kaingang do Toldo Chimbangue buscando recuperar suas terras tradicionais envolveram-se em um intenso conflito entre colonos, mobilizando várias entidades (CIMI, CPT, Governo do Estado de Santa Catarina, FUNAI, Diocese de Chapecó, vereadores, deputados federais e estaduais etc) e a opinião pública, tendo em vista a desapropriação dos colonos e a criação da área indígena. Para maiores detalhes e informações acerca da trajetória do conflito do Toldo Chimbangue, ver D'ANGELIS, Wilmar. Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina. CIMI-Regional vol.1, 1984, Chapecó/SC.

topografia acidentada do terreno e a ausência de estradas, garante temporariamente aos Kaingang sua territorialidade.

No início do século XX, o processo de colonização se intensifica e a espoliação das terras indígenas tanto da "... margem leste (Pinhal), quanto da margem oeste (Chimbanque) ..." (D'ANGELIS, idem:58) se concretiza. Aproximava-se a colonização estrangeira, promovida pela companhia colonizadora Luce & Rosa Cia., que a partir de Aratiba/RS iniciou a colonização de Itá/SC atingindo até o rio Ariranha em Seara/SC. Os Kaingang do Pinhal vão sendo pressionados a deixarem suas terras.

A empresa colonizadora adquire as terras - hoje reivindicadas pelos Kaingang do Pinhal - de um suposto "herdeiro" da baronesa de Limeira. Esta terra foi loteada e vendida à famílias alemãs ainda na Alemanha, por intermédio de pastores protestantes que iam até este país fazer propaganda ...

*"... A propaganda na Alemanha era tão grande que todo pessoal da Alemanha, que se interessava em vir aqui na colonização deles [da Luce & Rosa Cia.] ... podiam pagar a terra a custa de trabalho na estrada, né. Porque aquela vez, quando nós saímo da Alemanha ... a Alemanha passou a inflação e uma crise muito braba ... a maioria era desempregado ... A maioria saiu de lá, porque não tinha meio de viver lá ... Daí essa Companhia dos Rosa ... os propagandistas lá e fizeram uma propaganda enorme. E todo mundo se influenciou ... porque achava que podia comprar terra fácil e fazer uma residência, né. E assim foram feito ... com grande dificuldade..." ("Seu" Weber, colono alemão).*

Depois de loteada e vendida, o processo de expulsão dos Kaingang e dos "brasileiros" (3) se intensifica. Neste momento,

---

(3) "Brasileiro" aqui é a auto-identificação dos "caboclos", denominação externa que provém de uma estigmatização imposta pelos "colonos de origem"; esta auto-identificação forjou-se no processo expropriatório ao qual os "brasileiros" foram sujeitados com a colonização da região. Sobre esta questão - a expropriação, a construção de suas diferenças/identidades e as relações dos "brasileiros" com os "colonos de origem", ver RENK, 1990, cap. III e 1991.

segundo D'ANGELIS (1984), a resistência se intensifica buscando a recuperação das terras do Toldo Chimbangue. O que só vai acontecer em 1985, após intensos conflitos e negociações.

Em 1924, ocorre a instalação na região do Pinhal, mais especificamente em Nova Teutônia (margem leste do rio Irani), da colônia de imigrantes de origem alemã. A situação de desconhecimento da região, da "lida com a terra" por parte dos colonos alemães - some-se a isto, o fato de muitos não serem agricultores em suas regiões de origem e terem comprado a terra ainda na Alemanha - garante num primeiro momento do encontro uma relação "estável e equilibrada" entre colonos e Kaingang.

As terras ocupadas pelos Kaingang, nas duas margens do Irani, exatamente por sua presença no local, foram as últimas a serem vendidas pela empresa colonizadora, já no final da década de 40. Antes disso, por volta de 1930, a colonizadora efetiva contrato com madeireiras locais para a extração de madeira de lei na área. Os Kaingang não tiveram como impedir pois os trabalhadores iam bem armados e os Kaingang assistiam desolados e impossibilitados de reagir ao desmatamento ...

*"... Aqui foi sertão bruto ... nos tempo dos tronco velho ... e hoje em dia não se vê nem madeira ... so vê capim ... os branco desmatava tudo ... desmata tudo ..."* ("Dona" Ana Fortes do Nascimento, índia Kaingang que morou no Pinhal antes da colonização e hoje mora no Toldo Chimbangue).

As pressões sobre os Kaingang do Pinhal já eram nesse tempo, cada vez mais fortes. A ocupação seguia seu caminho do oeste para leste, e naquele momento objetivou expulsar os Kaingang do Pinhal para que se juntassem aos do Toldo Chimbangue, a oeste do Irani. sem a força de seu cacique Gregório Mréym -

morto em uma caçada em junho de 1929 - e amendrontados com as violências cometidas pela colonizadora, os Kaingang do Pinhal aos poucos vão se reunindo aos seus parentes do Toldo Chimbanguê. Outros preferiram procurar seus parentes em outras áreas no Xapacózinho/SC e em Votouro e Nonoai/RS. Esta diáspora não aconteceu de uma só vez, mas aos poucos, à medida em que as pressões aumentavam com o incremento do fluxo colonizatório e o redimensionamento fundiário que este provocou na região devido a "medição" - antropomorfizada na companhia colonizadora, na "colônia" no dizer dos Kaingang - responsável pela demarcação dos lotes e na abertura de estradas na área. Porém outros permanecem, submetendo-se a "nova (des)ordem" que se instala no sertão. É certo que até fins da década de 40 - talvez início da década de 50 - ainda haviam famílias Kaingang no local denominado Chapada, nas proximidades da antiga aldeia e cemitério do Pinhal.

Apesar da espoliação das terras ocupadas pelos Kaingang do Pinhal e da intensidade da ocupação - que não é maior devido a geografia acidentada da área - por parte dos colonos, famílias Kaingang permanecem ainda na área. Assim, em 1984, quando do processo de recuperação das terras do Toldo Chimbanguê, famílias que permaneciam no Pinhal transferiram-se temporariamente para o Chimbanguê para ajudar na luta dos Kaingang deste toldo.

Atualmente, existem cerca de 35 famílias vivendo na área do Pinhal, em condições de extrema miséria. Se encontram dispersos pelas propriedades dos colonos, morando em ranchos de taquara e lona e pagando 50% de sua produção ao proprietário da terra.

Esta situação permitiu que aos poucos a comunidade dispersa volta-se a se reunir, iniciando um movimento no sentido de recuperação de suas terras tradicionais. Assim, a partir de 1991, a comunidade vem empreendendo uma luta que até o presente momento continua sem solução, seja nas negociações em torno do tamanho da área, seja na burocracia da FUNAI e demais órgãos públicos ...

*"... Nosso plano é que nós ... liberá nosa área, né? Porque chega de tá vivendo nesse jeito que tá vivendo ... os colonos dão aqueles lugar que não ... que não presta prá plantá, que é puro perau [barrancos, muito igreme] ... Daí eles dão prá gente plantá, né? ... Depois que tá tudo cultivado, que tá desigado [limpo, sem mato e pedra] ... daí eles toma daquele ... toma aquele pedaço que tá cultivado, dá outro pedaço, içado, no meio da pedreira ... dão prá nós plantá ... no meio da pedreira ... depois temo que dá meia prá eles ..."*  
(Cacique João Maria Rodrigues Piroy).

Esta área foi incluída nos planos da FUNAI de terras indígenas que seriam demarcadas até o prazo constitucional (ver FUNAI, 1992), devido as pressões de entidades civis e da Procuradoria da República, bem como da situação vivenciada pela comunidade, ocorrendo inclusive violência, por parte de alguns colonos.

## A MEMORIA DO ENCONTRO: TRAÇANDO PERCURSOS E IDENTIDADES

A partir deste "drama" (4) e das experiências diferenciadas do encontro entre colonos e Kaingang, afloram memórias que engendram historicidades tensionantes, que em alguns momentos confluem e em outros - como atualmente - divergem radicalmente, construindo diferenças e explicitando identidades, "... colocando em cheque o conjunto das relações existentes entre sociedade colonizadora e colonizada (...) vividos pelo "colonizador" como um atraso em relação à ordem estabelecida, pelo "colonizado" como um ensaio para reconquistar a autonomia" (BALANDIER, 1995:36).

Sendo assim, de forma explícita, está em jogo nesta disputa, o sentido da história, opondo percepções diferenciais da realidade e da história de ocupação da área, visando legitimar as "origens" e os direitos de uso e apropriação sobre estas terras.

O que era considerado um *suplemento* inócua, testemunho vivo de um passado concluído na história da área - a versão Kaingang - engendra um deslocamento, uma *contramemória*, que questiona a inexorável linearidade da "marcha para o progresso" na versão dominante (DERRIDA, 1977;1991).

Na dissimetria espaço-temporal - simultaneamente

---

(4) A noção de "drama" compreende que este tanto é produto como produtor de conflito, proporcionando uma ruptura nas evidências cotidianas e no ajustamento natural dos grupos com o mundo. Segundo TURNER, "... o conflito parece colocar em aedrontadora proeminência aspectos fundamentais da sociedade encobertos por costumes e hábitos do dia-a-dia. As pessoas devem tomar partido nele em termos de preferências morais profundamente internalizadas. As escolhas são sobrecarregadas pelos deveres" (1974, apud DaMatta, 1993:43).



discriminadora e hierarquizante - que as narrativas sobre a ocupação da região (e os direitos sobre ela) instauram, podemos perceber que estas referem-se, num primeiro momento, à um equilíbrio, uma harmonia.

Para os imigrantes alemães, a região era "*neue welt, neues leben*" (um novo mundo, uma nova vida), cheias de dificuldades, que não foram maiores devido a ajuda dos Kaingang ...

*"... Nós aprendemo aí dos índio e dos vários caboclos que tinha aí ... Nós aprendemo a plantá e cortá o mato. Tudo eles ensinaram ... Nós nos demo muito bem ... Porque os primeiros ano se não tivesse os índio ... eu acho que nós não passava aqueles ano ..."*  
("Seu" Guilherme Möller, colono alemão).

Esta versão é reforçada por parte do atual cacique dos Kaingang, cujo pai - cacique Gregório Rodrigues Miréym - conviveu com os primeiros colonizadores a chegarem na região ...

*"... Nós era uma irmandade só ... era amigo e ajudemo muito um o outro ... meu pai foi até o Rio Grande [do Sul] umas veis comprá mantimento com o pai do Mella [Möller] ... mas os tempo mudò ... ficou tudo diferente ... chegò a medição e foi dizendo que a terra não era nossa ... se queria terra ... tinha que comprá ..."*  
(Cacique João Maria Rodrigues Piroy).

Porém, num passado presente, descerra-se um tempo de rupturas, durante o qual os colonos se transformam em culpados pela desestruturação do modo de vida anterior a colonização. O resultado do encontro, foi a reorganização - assimétrica - das territorialidades, o rompimento de laços de sociabilidade e convivências, redefinindo as fronteiras sociais dos grupos e as zonas de tensão e conflito na região ...

"... Nós fumo da liberdade ... tudo era liberdade ... os Kaingang ia onde queria ... tudo era liberdade ... agora não é mais ... não têm de jeito nenhum ... Os tronco velho já falava ... dizia que o que o branco faz hoje ... os antigo já dizia que ia acontecer ... " ("Dona" Nardina Siqueira, esposa do cacique João Maria Rodrigues Piroy).

A contrapelo, os Kaingang recriam laços de continuidade com o passado, buscando afirmar sua diferença, recriando sua identidade.

Esta política da (contra)memória, produzida socialmente, implica reconhecer que a negociação em torno dos direitos e legitimidade acerca da posse da terra é permeada por relações de poder, onde os grupos em interação remetem tanto ao passado quanto ao presente experiências compartilhadas, interpretando e re-interpretando este passado para dar significados e valores no espaço da "... experiência histórica de um presente em mudança" (TAUSSIG, 1993:168), redefinindo contextualmente situações novas e imprevistas (5).

Assim, "... a gestão da memória aparece, igualmente, como gestão da identidade enquanto autopercepção, imagem de si para si, imagem de si para outrem, representação e heteropercepção, imagem de si emitida por outrem" (GRYNSZPAN, 1991:89).

As conexões de sentido que se estabelecem entre passado

---

(5) É interessante observar que Carneiro da Cunha (1985 e 1986) ressalta a importância da "tradição" como âmbito de referência em termos diferenciais/identitários, onde esta "... serve, por assim dizer, de 'porção', de reservatório onde se irão se buscar, à medida das necessidades no novo meio, traços isolados do todo, que servirão essencialmente como sinais diacrísticos para a identificação étnica. A tradição cultural seria assim, manipulada para novos fins, e não uma instância determinante" (1986:88) [grifos da autora].

e presente, atualizadas nesta memória a contrapelo [*Eingedenken*] (6) permitem que a atualidade do acontecimento fixado nela seja maior do que a atualidade do tempo real do acontecimento.

Neste sentido, é interessante observar, a presença de "velhos personagens", com sua autoridade reconhecida e desejada, que garantem com sua perpetuação o engendrar das diferenças/identidades, pela permanente recomposição e atualização da memória do grupo.

O Cacique Gregório, personagem ancestral mobilizado pelos Kaingang do Pinhal enquanto referencial de uma "descendência partilhada" (7) garante no espaço de experiência presente uma identidade partilhada independente de laços de parentesco reais de todas as pessoas da comunidade com este. A filiação do atual cacique João Maria e a rede de parentesco que se estende a todos os outros membros da comunidade é uma fator de extrema importância pra estes enquanto forma de "ser" Kaingang.

Enterrado, no antigo cemitério (VENTKEY) do Pinhal, o cacique Gregório estabelece um laço fundamental para a relação diferencial dos Kaingang com a terra e de sua identidade, de sua permanência nela, mesmo com todos as pressões advindas da

---

(6) A noção de "memória a contrapelo" tem como referência Walter Benjamin, principalmente suas Teses sobre a filosofia da história, onde o termo *Eingedenken* "... nada tem a ver com lembrança ou memória ou recordação no uso corriqueiro destes termos. *Eingedenken* é um lembrar contra ... uma contra-memória, um lembrar-se contra, e esta contra-memória torna possível algo que é, para nós, o que é de mais surpreendente na teoria da história de Benjamin, a saber, concebemos o passado como algo inacabado, algo que não está fechado" (BOLZ, 1992:28).

(7) Segundo KEYES "... a idéia de uma descendência partilhada, abstraida da rede de parentesco, é básica, no meu entendimento, para a concepção de um grupo étnico [...] O que é comum a todos os grupos étnicos não é um conjunto partilhado de atributos culturais mas a idéia de uma descendência partilhada" (1967:205-6 apud RENK, 1993:17). RENK ressalta que esta descendência "pode ser real ou putativa, uma qualidade primordial estabelecida historicamente" (*idem*).

colonização, pois nesta estão "os antigos" e aqui "enterramos nossos umbigo" (8).

O cemitério do Pinhal, mesmo ocupado por roças e plantações dos colonos ainda abriga seus ancestrais e parentes mortos recentemente, no dizer de "seu" Bertoldo Bonfim ...

*"... Ali no cemitério velho ... estão enterrados nossos velhos ... nossos tronco antigo ... mesmo que o colono plante em cima, né? ... Nós vamos enterrar os que morrerem agora ... ou mais na frente ... lá naquele cantinho ... lugar de descansá os morto ..."*

A autoridade do antigo e falecido cacique Gregório, é reconhecida pelos colonos, com respeito ...

*"... Ah ... o chefe dos índio ... o Gregório era um homem muito bom. Muito enérgico ... e nós não pudemo se queixá dele ... ele foi com meu pai buscar comida em Gaurama ... quando nós estava passando dificuldades ... era um homem muito bom ..."*  
(*"Seu"* Guilherme Müller, colono alemão).

Em torno da pessoa do cacique Gregório existe toda uma aura de bravura e heroísmo, que capturada no presente pelos Kaingang do Pinhal serve como lastro para se afirmarem *vis-à-vis* os colonos e a sociedade regional ...

*"... Nós vamos lutá ... pelas nossa terra ... reunindo, todo mundo reunido ... aí dá uma força maior ... prá nós enfrentá as dificuldade ... lembremo o velho cacique Gregório ... tinha um braço só ... mas era uma homem bom ... bravo ... lutava pelos seus ..."*  
(Cacique João Maria Rodrigues Piroy).

---

(8) D'ANGELIS (1991) procura chamar atenção para este aspecto da relação dos Kaingang com seus mortos suplementar a suas terras de ocupação tradicional como um dos pontos nodais da diferença/identidade Kaingang, pois "... com relação com a terra, quero aqui destacar a lealdade que os Kaingang estabelecem com ela, de modo a manter o sonho de reavê-las sempre que afastados dela ou impedidos de usufruí-la livremente. Ou seja, mesmo quando fora de suas terras, é a relação com elas (talvez a relação de pertença a elas) - mediação da relação de fidelidade com seus mortos - que sustenta a identidade Kaingang" (:5-6).

O "tempo de ruptura" teria como âmbito de referência uma experiência de expropriação de suas terras que remete no presente à um "tempo de espera", tempo de incertezas, de dúvidas, desesperanças e oscilações - que permeiam este processo de luta pela recuperação de suas terras tradicionais.

Desta forma, este espaço de experiência presente, na reapropriação de seu passado recente, de seus mortos, num diálogo com gerações passadas, permite fornecer consciência e energia para o grupo se manter unido e a esperança de retomarem as terras que pertenciam a si e aos seus ancestrais.

Nas palavras de Sebastiana, filha do atual cacique, refletindo acerca do passado de seu povo e do seu futuro ...

*"... Antes os Kaingang colhia pinhão, criava os bicho solto ... comia erva do mato e ia onde quisesse ... não tinha cerca ... nem plantação ... só as rocinhas dos tronco velho ... dos antigo ... aí chegou os gringo [os colonos] ... as cerca e os Kaingang ... num podia mais ir onde queria ... nem cria os bicho solto ... derrubaram a mata ... Mas nossa luta é de esperança ... se a esperança prós pobre é a última que morre ... Prós índio também é ..."*

No entrelaçamento e contraste das memórias acerca da área, vão definindo-se as diferenças e explicitando-se as identidades étnicas, onde a memória dos Kaingang do Pinhal, corporificadas em seu atual cacique João Maria Rodrigues, nas suas histórias de migração e permanência, nos encontros e desencontros *"... com outras nação de gentes ..."*, delineia-se uma *"... consciência de pertencer a um povo virtual ou realmente ameaçado [...] de uma origem e de um destino comuns"* (Cardoso de Oliveira, 1988:17).

Portanto, *"... atizando a centelha de esperança no*

passado ..." (BENJAMIN, 1985) a memória Kaingang vai de contrapelo a história oficial sobre a área; seu passado ainda não está completado, encerrado, está em aberto e é usado, desta maneira, como ponto de referência e esperança de um novo lugar, de uma nova vida ... uma nova identidade.

*\* Gostaria de agradecer à Arlene Renk, pela leitura e a indicação para publicação; Elisete Schwade pelas leituras e discussões; também para Felipe, Alú, Valeska, Karine (pelos toques jornalísticos), e todos aqueles que de uma maneira ou outra leram e acreditaram neste trabalho, meu muito obrigado!!!*

## BIBLIOGRAFIA

- BALANDIER, Georges. *Sociologie actuelle de l'Afrique noire*, Paris, Presses Universitaires de France, 1955.
- BENJAMIN, Walter. *Teses sobre a filosofia da história*. In: KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin. Sociologia*, São Paulo, Atica, 1985.
- BOLZ, Norbert W. *E preciso teologia para pensar o fim da História? Filosofia da História em Walter Benjamin*. In: *Revista USP - Dossiê Walter Benjamin*, no 15, São Paulo, setembro/outubro/novembro de 1992.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *A crise do indigenismo*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1988.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. Editora Brasiliense/EDUSP, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Negros, Estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985.
- CORTAZAR, Júlio. *O jogo da amarelinha*. Tradução de Fernando de Castro Ferro. Abril Cultural, São Paulo, 1985.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Papirus Editora, Campinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Posiciones*. Editorial PRE-TEXTOS, España, 1977.
- D'ANGELIS, Wilmar. *Toldo Chimbangue - história e luta Kaingang em Santa Catarina*. CIMI - Regional Sul, Chapecó, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Os Kaingang: terra e autonomia política - condição para o acesso à cidadania*. Trabalho apresentado no Simpósio "Ameríndia 91", UNESP - Araraquara, 22-31/04/1991.

FUNAI. Projeto: Identificação e Delimitação de Terras. Brasília, 1992.

GALEANO, Eduardo. El libro de los abrazos. Siglo Veinteuno de España Editores, S.A., España, 1989.

GRYNSZPAN, Mario. Resenha de "L'Expérience concentrationnaire. Essai sur le maintien de l'identité sociale, de Michel Pollack. Paris, Editions Métailié, 1990. Collection Leçon de Choses. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais no 16, ano 6, Editora Vértice/ANPOCS, Rio de Janeiro/São Paulo, junho de 1991.

KEYES, Charles F. Towards a new formulation of the concept of ethnic group. In: ETHNICITY 3 (3):202-213, 1976 apud RENK. Arlene A. A religião como idioma da identidade faccional entre os brasileiros no Oeste Catarinense. Chapecó, 1993, no prelo.

METRAUX, Alfred. The Caingang. In: The Handbook of South American Indians, Washington, vol. I, part. 3, pp. 445-475, 1946.

RENK, Arlene A. A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no Oeste Catarinense. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, 1990.

\_\_\_\_\_. As representações da colonização no Oeste Catarinense a partir dos brasileiros. In: Cadernos do CEOM no 7, ano 5, Chapecó, abril de 1991.

\_\_\_\_\_. A religião como idioma da identidade faccional entre os brasileiros no Oeste Catarinense. Chapecó, 1993, no prelo.

TAUSSIG, Michael. Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem - Um estudo sobre o terror e a cura. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993.

TURNER, Victor. Dramas, Fields and metaphors: symbolic action in human society. Ithaca e London, Cornell University Press, 1974 apud DAMATTA, Roberto. Conta de Mentiroso - 7 ensaios de antropologia, Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1993.